



Aponte a câmera do celular para o QR Code e assista a um depoimento da mãe Jeshennia Bedoya, 18 anos

Editora: Ana Paula Macedo
anapaula.df@dabr.com.br
3214-1195 • 3214-1172



CANADÁ

"Vendedor de venenos" confessa 14 crimes

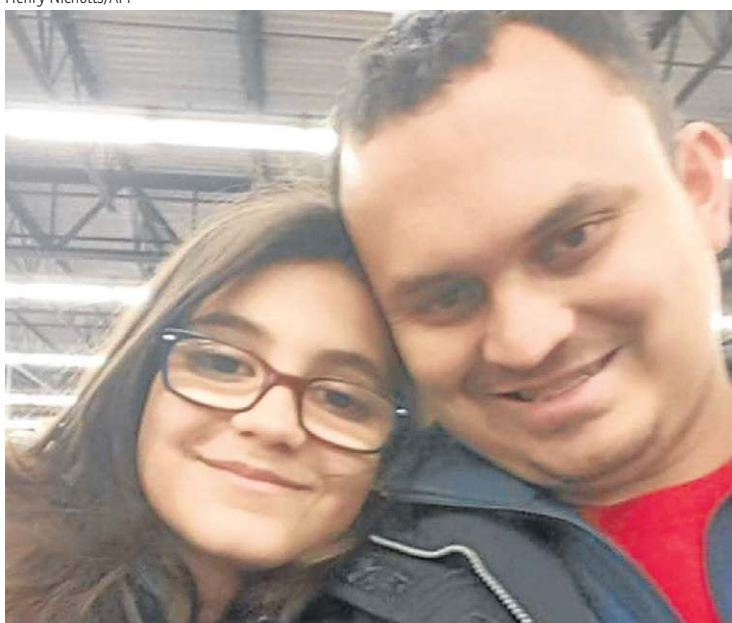
Kenneth Law, um cozinheiro canadense de 60 anos, comercializou kits com substâncias letais para 1.209 pessoas em 41 países. Familiares de vítimas criticam retirada das acusações de homicídio em primeiro grau. Réu responderá por suicídio assistido

» RODRIGO CRAVEIRO

O cozinheiro canadense Kenneth Law, 60 anos, admitiu culpa em 14 crimes de assistência ao suicídio ocorridos entre 2021 e 2023 na província de Ontário. Com a confissão, a promotoria deve solicitar ao tribunal a retirada das acusações de homicídio. Law vendeu 1.209 pacotes com kits de substâncias letais para pessoas de 41 países. Cada pacote custava, em média, US\$ 80 (cerca de R\$ 404). Uma investigação da emissora CBC News associou pelo menos 147 mortes a Law — em Canadá, Estados Unidos, Reino Unido, Suíça, Irlanda, Nova Zelândia, Alemanha e Itália. A expectativa é de que Kenneth Law seja condenado a 14 anos de prisão em cada acusação de suicídio assistido.

Segundo a agência de notícias France-Presse, Law sondava clientes de forma proativa, em um fórum de discussão sobre o suicídio, onde usava o apelido "Greenberg". Quando os usuários mencionavam o nitrato de sódio — um conservante para carnes — como um possível meio para o suicídio, ele os encaminhava para um de seus sites na internet, onde a

Henry Nicholls/AFP



Leonardo Bedoya com a filha, Jeshennia, que tirou a vida aos 18 anos

substância em pó estava disponível em concentrações letais.

Law também orientava seus "clientes" sobre como usar o nitrato de sódio para o suicídio. O jornal *The Guardian* informou que ele trabalhava na cozinha de um hotel de Toronto. Na tentativa de evitar ser descoberto pelas autoridades policiais, o "vendedor de venenos"

oferecia outros produtos, incluindo molho quente, para criar a ilusão de que agia como atacadista de produtos alimentícios industriais.

Uma das vítimas do "vendedor de venenos", Jeshennia Bedoya tirou a própria vida em 10 de setembro de 2022, depois de receber o kit na cidade de Aurora (Canadá), onde morava com os familiares.

Henry Nicholls/AFP



David Parfett com a foto do filho, Tom: críticas à Justiça do Canadá

"Minha filha morreu dez dias depois de meu aniversário. Eu a encontrei morta, em seu quarto. Fiquei uma meia hora com ela. Foi muito doloroso ver minha única filha indo embora", desabafou ao *Correio* o colombiano Leonardo Bedoya, 43 anos, pai de Jeshennia. Meses depois do suicídio, a família da garota recebeu uma

visita da polícia canadense e de um detetive britânico, e foi informada de que o caso tinha ligação com Kenneth Law.

Bedoya criticou a decisão da Justiça de não acolher as acusações de homicídio em primeiro grau. "Na condição de pai, vejo esse anúncio como algo muito doloroso para nós, familiares. Esse

senhor merece passar o resto da vida na prisão, pois é culpado por 1.200 mortes em todo o mundo. Encontrar a minha filha como encontrei é algo que me marca por toda a minha vida. É algo muito difícil de engolir. Ainda chego em casa e não sei o que aconteceu", disse.

María López, 43, mãe de Jeshennia, gravou ao *Correio* um depoimento em vídeo diante de um altar em memória da filha. "Jeshennia era minha amiga, minha confidente, era tudo. Compartilhávamos nossos momentos, brincávamos uma com a outra. Ela era uma boa estudante, atleta. Jeshennia me ajudava em tudo, me escutava. Viver sem ela é como se grande parte do meu coração tivesse sido arrancado", afirmou.

Thomas, filho de David Parfett, tinha 22 anos quando se matou em 2021. "Se Kenneth Law não tivesse dado instruções detalhadas sobre a forma de se suicidar, meu filho provavelmente estaria com vida, portanto para mim é um assassinato", declarou à agência France-Presse. Ele defende uma legislação mais rigorosa contra fóruns on-line que incentivam suicídios ou mutilações e lamentou o fato de as autoridades canadenses perderem a chance estabelecer a gravidade da conduta de Law.

OBITUÁRIO

Edgar Morin, sociólogo e filósofo francês, 104 anos

Pensador universal da complexidade e referência em humanismo. Com essas palavras, a Multiversidad Mundo Real Edgar Morin, instituição baseada no México, informou a morte do sociólogo e filósofo francês Edgar Morin, aos 104 anos. Até o fechamento desta edição, não havia a confirmação oficial por parte da família. No entanto, intelectuais brasileiros que trabalharam com Morin lamentaram o falecimento.

"Sua partida representa uma profunda perda para a educação, a filosofia, as ciências sociais e as comunidades acadêmicas, que

encontraram em sua obra uma guia para compreender a incerteza, religar os saberes e assumir a complexidade da condição humana", afirma comunicado divulgado pela Multiversidad Mundo Real Edgar Morin.

A nota acrescenta que a proposta do pensamento complexo de Morin possibilitou reconhecer a relação indissolúvel entre indivíduo, sociedade, espécie, natureza e cultura. "A partir de sua visão, a educação não somente transmite conhecimentos, mas ajuda a formar consciência, sensibilidade, responsabilidade e sentido de

pertencimento a uma comunidade mais ampla", explica. Ainda segundo a instituição mexicana, a morte de Morin deixa um "vazio no pensamento universal". "Seu legado permanece como uma força viva para quem busca compreender o mundo a partir de uma visão integradora", acrescenta.

Um dos mais renomados intelectuais da esquerda francesa durante o século 19, Morin publicou mais de 60 livros. A última obra foi publicada em 2024, aos 102 anos — um romance de inspiração autobiográfica escrito em 1946 e que retomou para finalmente torná-lo

público. Em 2021, chegou a lançar dois livros: uma coletânea de ensaios e uma obra de memórias intitulada *Lições de um século de vida*.

Herança humanista

Durante uma conferência sobre a situação das Américas organizada pela Universidade Sorbonne, em 2009, o sociólogo francês teorizou que "a melhor herança humanista da Europa está na América Latina". "A Europa é incapaz de um renascimento (...) O melhor de sua herança humanista, está lá, na América Latina (...) o que nos

dá esperanças", destacou. Em sua opinião, "é na América Latina que o humanismo europeu recupera sua própria vitalidade". "Vejo isso nas favelas do Rio ou em Medellín. Vejo que são feitos esforços para devolver a dignidade aos excluídos e rejeitados pela sociedade", declarou.

Em entrevista ao jornal espanhol *El País*, em 2023, Morin disse: "Enquanto eu estiver possuído pelas forças da vida, pela participação, pela curiosidade e pela ação, o espectro da morte recua." "Eu sinto a presença do nada, mas estou muito mais centrado nas forças da vida."

G. Garitan/Wikipedia



Edgar Morin escreveu 60 livros e desenvolveu o conceito do pensamento complexo

CONEXÃO DIPLOMÁTICA



POR SILVIO QUEIROZ
SILVIOQUEIROZ.DF@GMAIL.COM

Não é (só) a economia

O calendário eleitoral, aqui e nos EUA, e a notória simpatia de Donald Trump pela família Bolsonaro são elementos capitais na decisão de Washington de rotular oficialmente como "organizações terroristas globais" duas das principais facções criminosas que atuam no Brasil. O momento do anúncio, é certo, foi escolhido a dedo — e, em certa medida, concatenado — para coincidir com a visita à Casa Branca do filho 01 do ex-presidente (e candidato ao Planalto).

Mas o passo tomado por Trump deve ser visto como parte dos movimentos destinados a melhorar a posição do Partido Republicano nas eleições legislativas de

novembro. A opção pelo engajamento bélico com o Irã, creditada por observadores ao lobby do premiê israelense, Benjamin Netanyahu, resultou em impasse — militar e diplomático. Fez disparar as cotações do petróleo em escala global, inclusive nos EUA, com impactos econômicos em cascata.

Com a popularidade na trajetória inversa e aprovação no patamar de um terço dos eleitores, o presidente enxerga o risco real de ficar em minoria em ambas as casas do Congresso na segunda metade do mandato. É uma condição que o jargão político estadunidense chama de "pato manco".

Na ausência de remédio rápido

e eficaz contra a inflação, Trump aposta as fichas em algum tipo de troféu de guerra para honrar o slogan de "fazer a América (os EUA) grande novamente". Desafia o dito famoso de um assessor de Bill Clinton na vitória de 1992 contra Bush pai. Em resposta à alegação insistente de que o desafiante não entendia de política externa, o assessor do democrata respondeu: "É a economia, estúpido".

"Língua do pê"

A reação a Trump, da parte do governo Lula, foi rápida e matizada. Ainda na noite de quinta-feira, o assessor especial do Planalto, Celso

Amorim, frisou que a cooperação internacional contra o crime organizado será sempre bem-vinda, mas uma intervenção externa é inaceitável.

Já na manhã de sexta, o Planalto publicou nota, em termos algo mais diretos que o delimitado pelos parâmetros diplomáticos. O texto critica "medidas unilaterais, não negociadas" e aponta prejuízos potenciais a interesses do país.

O presidente Lula, falando em situação pública, subiu o tom e parece ter usado linguagem cifrada. Ao dizer que "não aceitamos ser tratados como moleques", qualificou indiretamente a atitude tomada pelo secretário de Estado Marco Rubio — tudo indica, com o aval implícito de Trump.

Pássaro na mão

Quando se lançou sobre o Irã, no último dia de fevereiro,

o magnata que se fez na selva do mercado imobiliário apostou que repetiria a ação fulminante do início do ano, quando comandos de elite invadiram a Venezuela e sequestraram o presidente Nicolás Maduro, para ser julgado por narcotráfico em Nova York.

No Oriente Médio, a tacada de "decapitar" o regime islâmico não funcionou. Passados 90 dias, a "poderosa armada" enviada pelos EUA está a(ia)tolada no Estreito de Ormuz.

Trump ficou com um pássaro na mão. Sem caça à vista no Oriente Médio, busca outros voando ao alcance do estilingue. Fecha o cerco a Cuba e indicia o ex-presidente Raúl Castro — aos 94 anos, o símbolo vivo do regime comunista que desafia os EUA há sete décadas no horizonte da Flórida.

O enquadramento de CV e PCC como "ameaças terroristas" retorna, do precedente com Maduro, a temática da "guerra às drogas". É mais um pássaro na mira.

Esqueceram de alguém

Críticos e adversários da ofensiva trumpista, por aqui, apontam como suspeita a ausência de outro alvo na "lista" enunciada por Marco Rubio. Em especial no Rio de Janeiro, berço político da família Bolsonaro e domicílio do presidente Flávio, o CV trava há anos uma guerra cruenta e sem quartel contra as milícias.

A despeito da simetria evidente de métodos e metas, uma das partes ficou esquecida na resolução oficializada pelo Departamento de Estado.